

ENTRE PERFOPALESTRAS, TEATROPALESTRAS E PERFOAULAS: CAMINHOS CÊNICO-PEDAGÓGICOS POSSÍVEIS DE UMA ARTISTA-DOCENTE NO SUL DO BRASIL

Dra. Stefanie Liz Polidoro

Departamento de Artes Cênicas/UDESC

Resumo: Este texto pretende apresentar algumas reflexões acerca das práticas artísticas-pedagógicas de uma atriz-docente, iniciadas durante seu curso de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Teatro/UDESC, no ano de 2016, e continuadas ainda hoje, referentes aos conceitos de PerfoPalestra, TeatroPalestra e PerfoAula. Pretende-se mostrar aqui alguns princípios que norteiam a autora a tais práticas, porém, sem interesse por estabelecer regras ou receitas padronizadas para suas elaborações. A teoria basilar com a qual se dialoga aqui versa entre autores como o antropólogo britânico Victor Turner, o antropólogo brasileiro e docente da USP prof. Dr. John Dawsey, e a atriz, pesquisadora e docente da UERJ prof. Dra Luciana Lyra.

Palavras-chave: PerfoPalestras. TeatroPalestras. PerfoAulas.

PerfoPalestras

Era fevereiro de 2016 quando escutei pela primeira vez a palavra “perfopalestra”. A pesquisadora, dramaturga e docente da UERJ Dra. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra estava por passagem à Florianópolis, integrando minha banca de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC. Aproveitando sua estada pela cidade, minha orientadora, a prof. Dra. Maria Brígida de Miranda, organizou com Luciana algumas atividades na universidade. O título de um dos trabalhos era *Dramaturgia Feminina: O Caldeirão de Afrodite.*

A segunda vez que escutei “perfopalestra” foi com a pesquisadora da Universidade de Brasília, Dra. Lúcia Sander, a partir do trabalho *O que Shakespeare não Contou,* apresentado em abril de 2017 também na UDESC.

A terceira vez que escutei "perfopalestra" foi com minha colega de doutorado, Jussyane Emídio, que elaborou como trabalho de conclusão da disciplina de doutorado a perfopalestra *Bruxas, Santas, Loucas, Velhas, Meninas, "Belas, Recatadas e do Lar, também em 2017.* Desde então, parece cada vez mais frequente encontramos artistas por todo o Brasil trabalhando com este conceito. Com dificuldades de encontrar teorizações acerca de *perfopalestra*[1] contatei Luciana Lyra *via e-mail* solicitando algumas referências, ao que ela respondeu:

> Convidada a fazer uma palestra acerca de meu processo de criação dramatúrgica no CEART-UDESC, em fevereiro de 2016, acabei por elaborar a ideia e a ação da *perfopalestra* (*https://www.youtube.com/watch?v=LROMDn-ZV_4)*, que toma como fundamentos as *palestras performáticas* do mexicano Guillermo Gomez-Peña (La Pocha Nostra*)* e as aproximações entre *teatro e teoria* evocadas pelo pensador John Dawsey (FFLCH/USP) em seus textos antropológicos. Segundo Gomez-Penã *O Artista da performance é um cronista do seu contexto imediato*, trabalha com hipertextos e múltiplas metodologias, não só treinando o corpo, mas politizando o ser num processo de descolonização e na integração do corpo ao seu discurso. Dawsey, por sua vez, cria conexões entre a etimologia da palavra teoria à palavra teatro nos remetendo ao "ato de ver" (do grego thea). O empreendimento teórico sugere algo que poderíamos chamar, tal como Roland Barthes (1990:85) chamou o teatro, de um "cálculo do lugar olhado das coisas". Daí, o exercício que a *perfopalestra* se propõe a repensar o lugar olhado das coisas, a partir de uma audição dos ruídos, das redes múltiplas de textualidades. A ação da *perfopalestra* tem assim, a intenção de promover tensões entre os campos da atuação e da teoria, do corpo e seus discursos, utilizando linguagens sincréticas, simbólicas e interdisciplinares para expressar temáticas várias da condição humana em expressão. (LYRA, 2018*)".*[2]

Assim, partindo das indicações de Lyra, trago as discussões do antropólogo John Dawsey (FFLCH/USP) nos artigos *Victor Turner e Antropologia da Experiência* (2005) e *Turner, Benjamin e Antropologia da*

[1] Encontrei apenas dois artigos referentes à noção de *Performance-Palestra* abordada pelo doutor em Teoria e História Literária, dramaturgo e dramaturgista Marco Catalão nos artigos intitulados *Uma genealogia para a performance-palestra (2017) , e Desconcerto número 1: Paradoxos da Conferência – Performance (2017)*.

[2] *E-mail* recebido em 26 de março de 2018.

Performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas (2006) em relação à noção de *experiência* e *performance*. No primeiro texto, Dawsey chama a atenção para a observação de Turner referente à etimologia da palavra *experiência*: "Deriva do indo-europeu *per*, com significado literal, justamente, de 'tentar aventurar-se, correr riscos. Experiência e perigo vêm da mesma raiz" (DAWSEY, 2005. P.163) No segundo texto, Dawsey fala sobre *Performance*: "Termo que deriva do francês antigo *parfournir*, 'completar' ou 'realizar' inteiramente". Acredito que, se pensarmos que a *experiência* e a *performance* acontecem pelo e no corpo, talvez eu possa dizer que a teoria seja tão performativa quanto o próprio teatro.

Dentro desta lógica organizei duas perfopalestras, ambas relacionadas à minha pesquisa de doutorado referente ao tema do Grotesco. A primeira, *A Filha da Grota*, é uma montagem da minha personagem bufonesca Ternurinha; A segunda, *Eu-Ternurinha: O processo criativo e curativo da atriz, e o ativismo político e feminista que compõe suas teatropalestra*, apresentando minha tese de doutorado de título homônimo[3]. Tanto a primeira, como a segunda, são guiadas por *slides* de textos projetados na parede e realizadas com o público separado do espaço de cena. Estas escolhas são propositais e têm o intuito de seguir protocolos de uma palestra, ainda que a teoria apresentada seja performada pela pessoa que palestra.

TeatroPalestras

O conceito Teatropalestra foi elaborado a partir de experimentações, com minha personagem bufonesca Ternurinha. Aliás, talvez seja interessante eu apresentar Ternurinha para que você consiga elaborar com mais tranquilidade o sentido das Teatropalestras.

[3] Pode ser assistida no sítio https://www.youtube.com/watch?v=pPTilssZwR8.

Ternurinha nasceu no ano de 2009, durante minha graduação em Teatro na UFRGS, na disciplina de *Composição de Personagem II* na qual investigaríamos a linguagem da bufonaria, orientada pelo Prof. Dr. Xico de Assis. A disciplina terminou mas continuei trabalhando com Ternurinha, levando-a inclusive para meu doutorado. O doutorado findou, veio o pós-doutorado, e ela permanece comigo ainda hoje. Ternurinha é uma mulher em situação de rua, que já viveu diversos tipos de violência, mas também diversos tipos de gozo. Desde 2017 é palestrante e viaja pelo Brasil falando sobre Democracia, Capitalismos, Feminismos e Necropolítica. Sem poder acessar computadores, e tampouco contar com auxílio de terceiros, Ternurinha utiliza de materiais próprios para compor seus materiais pedagógicos - os quais ela chama de *eslaides* - na maior parte das vezes advindas do meu lixo pessoal, e organiza-os a partir da noção de *gambiarra*, numa ideia de "faça você mesmo"[4]. A gambiarra demonstra/demarca o lugar onde ela feita e reivindica a realidade na qual é organizada, desta forma vai contra a homogeinização facilitada pela globalização . Segundo palavras do crítico de arte e curador brasileiro Moacir dos Anjos no livro *Contraditório: arte, globalização e pertencimento:*

> A gambiarra, portanto, é um termo que pode ser utilizado para caracterizar produções culturais e artísticas híbridas que são geradas desde um determinado lugar, como modos de posicionar-se frente ao processo de homogeneização simbólica em curso. Produções que por conta da natureza movente e conflituosa das relações que as fundam, não promovem a completa fusão entre os variados elementos que as compõe, apresentando, de maneira simultânea e não hierarquizada, traços de formações culturais herdadas e de outras que, construídas na esfera cultural dominante, supostamente as acuam. (ANJOS, 2017, p. 50-51).

[4] Da expressão estadunidense "*Do it Yourself*", surgida a partir da década de 1970 junto ao *Movimento Punk* que valoriza a autogestão do indivíduo no que diz respeito à capacidade de produção do sujeito para o consumo próprio.

Neste processo, além de Ternurinha comunicar sobre os assuntos os quais vai tratar, também comunica sobre sua vida, a partir da organização de suas escolhas em meio às suas possibilidades.

Uma das premissas das *teatropalestras* de Ternurinha é o destrinchamento dos conceitos científicos a partir de suas vivências nas ruas, criando imagens e alegorias que mostrem a aplicação das teorias em sua vida. Neste sentido, as "teatropalestras" de Ternurinha criam, além de reflexões teóricas e conceituais, também a própria vida da personagem.

Por que *teatropalestra* e não *perfopalestra*? Porque na primeira, tanto a criação argumentativa até à condução principal do ato da palestra é feita pela lógica da personagem[5] (ou pela personagem em consonância à *performer*), enquanto que na segunda a condução principal é do *performer*. Ternurinha, sendo personagem a qual conduzo em cena, é quem realiza as palestras, logo, pensando por esta via, é do teatro que partimos para palestrar.

São duas as teatropalestras elaboradas e continuamente apresentadas: *Amor, CAPETAlismo e DEMOCRACIA* (2016[6]); e *Nem Uma a Menos* (2017)[7].

PerfoAulas

No ano de 2023 ingressei como professora colaboradora do curso de Artes Cênicas da UDESC, na área das pedagogias, sendo responsável pela

[5] Coloco "condução principal" porque, de acordo com as proposições do performer e docente da UNICAMP Renato Cohen *(in memorian*) no livro *Performance como Linguagem: criação de um tempo-espaço de Experimentação* (2002) , referentes à relação entre *performer* e personagem. Cohen acredita que um personagem nunca está desvinculado do *performer*, e que o *performer* não deixa de ser um personagem – pensando que a espontaneidade não existe, e que nos construímos a cada momento e a cada situação, somos máscaras sobrepostas, e não máscaras que escondem um verdadeiro rosto.

[6] A teatropalestra *Ternurinha fala sobre Amor e CAPETAlismo,* apresentada em dezembro de 2016 na disciplina *Amor no Capitalismo,* do Programa de Pós-Graduação em Teatro/UDESC, pode ser acessada pelo link https://www.youtube.com/watch?v=2nJh4oEuFl0.

[7] A teatropalestra *Nem Uma a menos* (2017) pode ser acessada pelo *link* https://www.youtube.com/watch?v=_aGQGReEBdU.

disciplina *Metodologia do Ensino do Teatro I*. Inspirada nas palavras de Dawsey, apresentadas no início deste texto, relativo à possibilidade da teoria ser tão performativa quanto a própria performance, passei a investigar o que poderia ser uma PerfoAula. Realizei dois intentos: a primeira, chamada de *Uma receita de Massinha de Modelar a partir dos Processos Cognitivos em Piaget,* e a outra *Semeando Metodologias do Ensino de Teatro*[8]*.* Na primeira realizamos a feitura da massinha de modelar a partir da farinha de trigo, sal, azeite, água e colorante, relacionando- a à *Epistemologia Genética de Piaget*; Na segunda fizemos a revisão do conteúdo de toda a disciplina atrelando-a ao plantio de uma muda de manjericão. A principal diferença que percebo entre uma PerfoPalestra e uma PerfoAula, neste momento, está na relação de quem guia a atividade com seu público.

Nas PerfoPalestras existe uma divisão muito evidente entre a pessoa palestrante e quem assiste, enquanto as PerfoAulas precisam manter o caráter dialógico e horizontalizado entre as pessoas que compartilham do evento. Assim, iniciando pela maneira como o espaço é organizado (com as pessoas dispostas em círculo) até o incentivo à e participação de quem está presente, parece, ser imprescindíveis para pensarmos na configuração de uma PerfoAula.

Referências:

ANJOS, Moacir dos. *Contraditório: arte, globalização e pertencimento*. 1 ed. Ed.Cobogó, Rio de Janeiro: 2017.

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem: criação de um tempo-espaço de observação*. SP, Perspectiva, 2002.

DAWSEY, John. *Victor Turner e a antropologia da experiência*. São Paulo. Cadernos de Campo, 13:163-176, 2005.

[8] A PerfoAula Semeando Metodoogias do Ensino do Teatro pode ser acessada no sítio https://www.youtube.com/watch?v=H33UZge_REg&t=1896s.

_____. *Turner, Benjamin, e Antropologia da Performance: O Lugar olhado (e ouvido) das coisas*. São Paulo. Cadernos de Campos, 7(2): 17-25, 2006.

POLIDORO, Stefanie Liz. *Eu-Ternurinha: o processo criativo e curativo da atriz-personagem a partir de seus excessos e vivências nas ruas, e o ativismo político e feminista que compõem suas teatropalestras*. Tese (doutorado)- Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro. Florianópolis, 2020.